

Foi Assim, Camaradas

24 anos na vida de uma revolucionária profissional: aderir ao Partido, ser o Partido, tornar-se inimiga do Partido. Foi Assim, memórias de Zita Seabra.

Quando tinha 15 anos e decidiu ir ao encontro do Partido Comunista Português, Zita Seabra limitou-se a percorrer o caminho normal, quase único de quem ainda muito jovem sentia a iniquidade da ditadura e desejava lutar por um mundo novo, mais justo – e aos 15 anos tudo parece tremendamente injusto.

No caso dela, que cresceu numa família de tradição oposicionista e com ligações ao partido, isso ainda foi mais fácil, natural, quase inevitável. Porque naquele tempo – 1965 – ainda era assim, como fora em Portugal e na Europa durante boa parte do século XX, sobretudo desde a década de 1930: o mundo dividia-se entre blocos antagonistas, primeiro o que opunha o nazi-fascismo ao comunismo (antes da II Guerra e quando as democracias liberais pareciam destinadas a soçobrar), depois o que o opunha o comunismo ao capitalismo. Num país ainda submetido a um regime autoritário, que na época nenhum dos seus adversários hesitava em qualificar de “fascista”, a escolha dos que estavam contra não era muito difícil. Desaguavam quase sempre no PCP pois só havia, como recorda a autora, uma organização digna desse nome na oposição, e era o Partido. Assim mesmo, com caixa alta, como sempre foi e continua a ser designado pelos comunistas. Com caixa alta, como o Sol, ou o Sol na Terra.

Não foi uma escolha intelectual – a formação política ser-lhe-ia dada pelo primeiro funcionário clandestino que a enquadrou, Albano Nunes, ainda hoje dirigente comunista –, antes uma opção visceral. Na época já teria sido possível seguir outros caminhos (alguns ex-membros do PCP começavam a organizar-se em movimentos social-democratas, como Mário Soares, outros haviam criado pequenas organizações esquerdis-

tas, ainda mais radicais), mas o ambiente familiar em que Zita cresceu não favorecia outra escolha.

Contudo, ao contrário de muitos que foram passando pela militância comunista na sua juventude, Zita Seabra foi obrigada a fazer uma escolha dilacerante apenas dois anos depois de se ter tornado militante: correndo o risco de ser presa pois a polícia política havia capturado um militante que a conhecia, foi levada a mergulhar na clandestinidade. Desde então e até à sua saída do PCP toda a sua vida seria condicionada por essa condição: a de “revolucionária profissional”, para utilizar a fórmula criada por Lenine. Este livro é, sobretudo, a história desses anos.

REVOLUCIONÁRIO PROFISSIONAL

Quem, de forma voluntária e consciente, escolhe o caminho não apenas do apoio aos comunistas, não apenas da militância na legalidade, mas o de se dedicar de corpo e alma à organização mergulha, como se percebe de forma clara nestas memórias, num universo paralelo, totalmente condicionado pela entrega sem hesitações à “causa”.

Ainda hoje há quem não compreenda isso e, tendo sido “compagnon de route”, sem correr demasiados riscos ou abandonar uma vida relativamente confortável, bote sentenças sobre o “radicalismo” ou sobre a “traição” de quem, em vez de se ficar pelas conversas de café, se envolveu no Partido (ou noutros movimentos da oposição) até às últimas consequências e quando isso era mesmo perigoso.

No caso dos comunistas isto é especialmente verda-

deiro pois mantém toda a actualidade o paralelo entre o “animus” do movimento comunista e o das religiões tradicionais, razão por que foi designado como uma “religião secular”, pois era movido pela fé na verdade revelada pelos grandes clássicos (Marx e Lenine), uma fé cega que permitia que se fechassem os olhos, sem peso



Com a sua mãe



**No Porto, ainda na legalidade;
Anúncio às caves do avô**

na consciência, ao que se ia sabendo do socialismo real. Há muitos momentos ao longo de “Foi assim” em que a autora é sincera nessa sua cegueira e a assume sem remorsos. Era assim porque tinha de ser assim, razão por que a sua primeira visita à URSS, no final da década de 1970, é ainda a de uma crente a que um outro pormenor dissonante não causa um só segundo de inquietação.

Perante um mundo, e um país, injustos, conquistados por uma doutrina que proclamava a superioridade absoluta da racionalidade e tinha uma explicação coerente para o sentido da História da Humanidade (e até para a ordem das coisas em todas as ciências...), o militante tornava-se apenas no pequeno agente capaz de sacrificar tudo, incluindo a sua vida, para acelerar a chegada do reino glorioso que os livros previam. Raymond Aron chamou por isso ao comunismo um “messianismo”, e na verdade só alguém animado por tremenda força de vontade conseguiria passar pelo que Zita Seabra teve de passar quando deixou para trás o seu mundo confortável de menina burguesa para se tornar numa “companheira” das casas do Partido.

Essas “companheiras”, ou “amigas”, tinham um lugar tão subalterno como vital, pois eram ao mesmo tempo criadas (por vezes também amantes) dos funcionários e tinham de assegurar que o seu refúgio era seguro, que não havia pides ou bufos por perto, que nada no estranho dia a dia daquelas residências chamava a atenção das autoridades. Tudo isto com pouco dinheiro, muito pouco dinheiro, privação que Zita Seabra sentiu particularmente pois passou de uma vida confortável para

outra em que os maiores luxos eram as bolachas que lhe trazia Georgette Ferreira (velha militante de Vila Franca onde, com as duas irmãs, ajudou a implantar o PCP, e que, muitos anos mais tarde, seria a única voz que se oporia à eleição de Zita para suplente da Comissão Política) ou as feijoadas que cozinhava para Sérgio Vilarigues (recém-falecido, foi o dirigente comunista que mais anos viveu na clandestinidade, gozando da total confiança de Álvaro Cunhal, a quem era fidelíssimo).

A DIRIGENTE, INTRANSIGENTE, DA UEC

Não surpreende que depois de passar por esta “prova” de quatro anos em casas clandestinas e mal amanhadas dos arredores do Porto, Zita Seabra tenha sentido que a sua vinda para Lisboa, para organizar os estudantes comunistas, fosse uma libertação.

É muito significativo — pelo estilo de escrita deste livro, por uma escolhida contenção na revelação dos afectos — que seja após a chegada a Lisboa e à entrada em contacto com os jovens comunistas da capital que a autora encontre o único militante por quem se percebe que sentiu verdadeiro afecto, porventura total cumplicidade

ou mesmo um especial espírito de família. Esse alguém foi Sita Vales, estudante de Medicina que ainda conheci, jovem tão luminosamente bonita como militante determinada para além do normal sectarismo (e, nesses dias, todos os que se digladiavam nos grupos e grupúsculos do associativismo estudantil eram sectários, se bem que uns se distinguissem pelo seu radicalismo). Sita Vales é quase a alma gêmea de Zita Seabra nos anos que precedem o 25 de Abril e no vendaval que se lhe seguiu, e se há passagem tocante nestas memórias é quando Zita relata o destino trágico dessa sua amiga.

A alegria de viver de Zita Seabra é a melhor celebração da liberdade e a mais profunda ruptura com o universo soturno do comunismo.



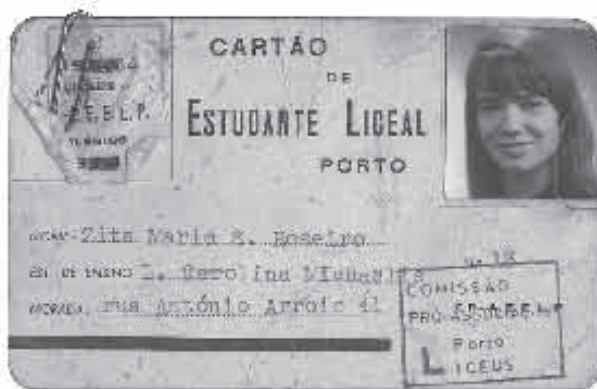
Última casa clandestina em Lisboa, na Travessa do Giestal n.º 42, 1.º Dt.º; Cartão de Estudante da Comissão Pró-Associação dos Liceus do Porto; Antes e depois de passar à clandestinidade

Entusiasmada com a revolução angolana (nascera na antiga colónia portuguesa), muda-se para Luanda, liga-se a um dos dirigentes de topo de MPLA e acaba apanhada pela tentativa de golpe de Nito Alves. Presa e torturada pelo MPLA fiel a Agostinho Neto, é executada por sua ordem directa depois de Zita ter tentado, em vão, que o próprio Álvaro Cunhal interviesse. Percebe-se que é nesse momento que na sua União dos Estudantes Comunistas, a então famosa UEC, se quebra a magia cega que permitira à própria Zita dirigir a organização com mão de ferro, intransigente disciplina e um sectarismo (apenas entrevistado aqui e além nas entrelinhas destas memórias) que só a absoluta crença na “verdade” do Partido explicam. No caso dela foi essa crença que sofreu um primeiro abalo, pequeno, ao perceber como o comunismo no poder era implacável mesmo para militantes tão iguais a ela como Sita Vales.



A RELAÇÃO COM “O CAMARADA”

Só que na época Zita Seabra já era alguém demasiado importante dentro do Partido para abandonar tudo. Trata pois de se empenhar em todas as tarefas que lhe são distribuídas, mesmo quando é despromovida, conseguindo sempre reaproximar-se do líder incontestado, “o Camarada”, esse Álvaro Cunhal em quem descobre não só uma inesgotável capacidade de trabalho, como um magnetismo capaz de calar tanto a menor voz discordante como de atrair as mulheres com que partilha-



ria a vida, incluindo a que o acompanhou nos últimos anos. Mas não só: alguém que também sabia manejar com mestria as piores armas da política, manobrando habilmente para preservar o seu poder incontestado. No livro relata-se, por exemplo, a forma como Cunhal começa por avançar com o nome de Silva Graça, um médico conhecido, como candidato presidencial em 1980, contra Soares Carneiro mas para desistir a favor de Eanes, e depois de um debate em que Zita Seabra contesta essa ideia, pois tal corresponderia a uma humilhação, Cunhal dá-lhe razão e indica como candidato Carlos Brito, então casado com a autora e que muitos viam como o número dois do partido. Seria assim Brito a ser humilhado, como Octávio Pato fora quatro anos antes, ficando Cunhal com mais espaço livre à sua volta.

É por isso que mesmo sem revelar muitos segredos sobre o que era o PCP por dentro, “Foi Assim” não deixa de ser esclarecedor sobre uma das outras características “genéticas” destes partidos que, depois de Lenine, funcionaram simultaneamente como instrumento político

e exército disciplinado de revolucionários profissionais. Referimo-nos ao que Orwell definiu como “double talk”, isto é, a capacidade de defender, por motivos táticos, o contrário do que pensam. Ou a absoluta naturalidade com que planearam a tomada violenta do poder ao mesmo tempo que faziam juras públicas de fidelidade às regras da democracia. O Cunhal que Zita recorda das infundáveis discussões do PREC é o Cunhal que previa que Portugal nunca seria uma democracia burguesa, confissão que só lhe foi arrancada pela jornalista Oriana Fallaci, não o “anjo branco” dos serenos comunicados do Comité Central.

GIACOMETTI



É por isso que não surpreende quem um dia conheceu um movimento de inspiração marxista-leninista



Em Madina do Boé na festa da independência do PAIGC; Álvaro Cunhal e Zita Seabra no primeiro comício legal do UEC

por dentro o que Zita Seabra conta sobre a forma como o PCP actuou durante os meses mais quentes da revolução, quando apostou tudo em que os “bolcheviques”, os comunistas, derrotariam os “mencheviques”, no caso português os socialistas de Mário Soares. Os “mencheviques” acabariam, contudo, por triunfar, mas o que este livro nos mostra é que Álvaro Cunhal procurou seguir, quase passo por passo, os trilhos de Lenine na Revo-

Zita Seabra

Foi Assim é o título do livro de Zita Seabra que foi apresentada a 5 de Julho, no Quartel do Carmo perante vasta assistência, por Mário Soares, José Pacheco Pereira e Carlos Gaspar. Foi uma celebração da liberdade.

Zita Seabra conta as suas memórias desde que, aos 15 anos, aderiu ao partido comunista (em 1965) até que deixou a ideologia comunista, em 1989 (tendo sido expulsa em Maio de 1988). A principal mensagem que insiste em transmitir é que, para romper com o comunismo, é preciso compreender que não foi a (má) prática comunista que distorceu os (bons) ideais comunistas. A má prática foi apenas a consequência dos maus ideais.

Qual é a natureza do mal comunista? Vários grandes autores do século XX deram contributos para o definir. Raymond Aron pôs a nú o ópio dos intelectuais, uma ideologia totalizante que recusa ser confrontada com os factos. Kal Popper denunciou o dogmatismo historicista, gerador de um profundo relativismo moral. Friedrich Hayek mostrou como marxismo e nacional-socialismo eram duas expressões de uma mesma atitude intelectual, hostil a uma ordem livre e descentralizada.

Todos eles enfatizaram a hostilidade do comunismo contra os modos de vida espontâneos das pessoas comuns, enraizadas em instituições livres nas quais se sentem con-

fortáveis: a casa própria, a família, a realização profissional, os hobbies, a religião. Estas esferas plurais constituem uma reserva de liberdade contra a vontade política sem entrave. Mas, acima de tudo, elas constituem reservas de felicidade e realização pessoal, independentes da manipulação política.

Em meu entender, foi Michael Oakeshott, o filósofo conservador inglês, quem melhor captou este núcleo central da resistência ao totalitarismo comunista ou nacional-socialista: a disposição para usufruir, para desfrutar, para celebrar um modo de vida que é o nosso e não foi centralmente desenhado. Oakeshott disse residir aqui o segredo da liberdade ocidental.

Não sei se Zita Seabra concordará com Oakeshott. Mas atrevo-me a dizer que ela é o melhor exemplo da tese Oakeshottiana.

Ao abandonar o PCP, Zita Seabra teve a audácia de refazer inteiramente a sua vida. Lançou-se na actividade editorial privada, de rara qualidade; preservou a sua vida familiar intacta, longe dos holofotes colectivistas da praça pública (o que, aliás, muito bem faz também no seu livro); refez e ampliou amizades; retomou a acção política no PSD, a tempo parcial; finalmente, fez um percurso privado de aproximação à religião cristã.



POR JOÃO CARLOS ESPADA

lução de Outubro de 1917, desde a infiltração das forças armadas à radicalização que haveria de permitir um “golpe” semelhante ao do assalto ao Palácio de Inverno. Na Rússia tudo foi feito entre Fevereiro e Outubro de 1917 – em Portugal, apesar de as “Teses de Abril” de Lenine ser à época leitura de cabeceira de muitos comunistas, o que começou em Abril de 1974 terminaria em Novembro de 1975, para desgosto de uma UEC que nessa altura estava em alerta total e armada até aos dentes, preparada para obedecer às instruções que Zita Seabra lhe transmitisse.

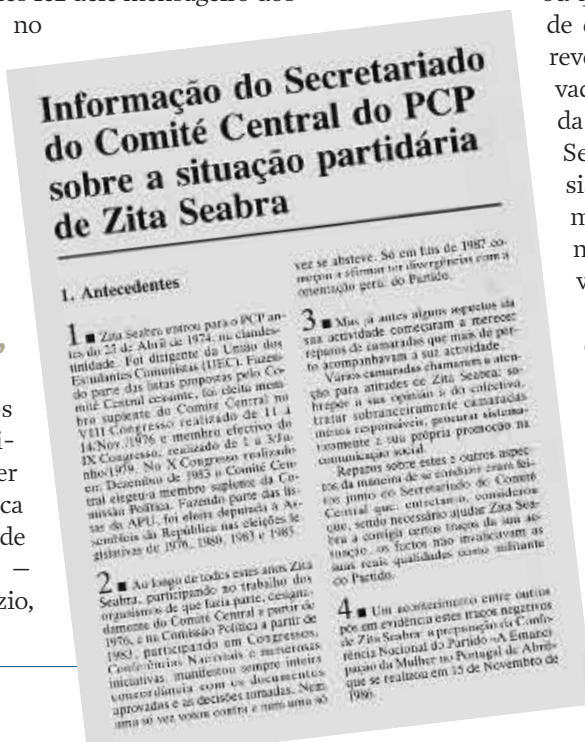
No último livro político que escreveu, “A Verdade e a Mentira sobre a Revolução de Abril”, de 1999, Cunhal dedicou-se à tarefa de esmiuçar as diferentes memórias e entrevistas dadas pelos seus adversários de então para demonstrar que o PCP sempre actuara de boa-fé enquanto estes, como agora assumiam, haviam feito tudo para travar o processo revolucionário. Em defesa do PCP cita abundantemente comunicados da época e o que é possível ver neste livro é que estes escondiam por regra as reais intenções do Partido: lá dentro, nas sedes, onde Cunhal e os principais dirigentes discutiam a estratégia a seguir, o que se desejava, aquilo para que se trabalhava, era bem diferente da imagem institucional que se pretendia transmitir. E utilizavam-se todas as armas, incluindo um canal de acesso privilegiado ao Presidente da República, Costa Gomes, já que Zita Seabra recrutara o seu filho e muitas vezes fez dele mensageiro dos desejos do PCP. Até que, no 25 de Novembro, Costa Gomes, como provavelmente Cunhal, perceberam que ir mais longe implicaria uma guerra civil que os revolucionários perderiam.

A RUPTURA É RADICAL, OU NÃO É RUPTURA

É claro que, como todos os que abraçam causas messiânicas, redentoras, romper com elas – o que implica romper com a sua “razão de vida” ao longo de décadas – pressupõe um salto no vazio,



A mesa que presidiu ao seu julgamento; em Faro num comício; e uma das múltiplas notas sobre Zita Seabra distribuída a todos os militantes do PCP



ou quase. Não é à primeira sombra de desconfiança sobre a “verdade revelada” (e “cientificamente” provada) que se entra nos caminhos da dissidência. No caso de Zita Seabra isso levou anos – demasiados, como hoje reconhece –, mas precipitou-se após a primeira maioria absoluta de Cavaco Silva, em 1987.

Como também é típico, a dissidência é um caminho quase sempre irreversível e, se corresponder a um corte total, é também um caminho pessoal. É assim que Zita Seabra começa por conversar com militantes do sector mais crítico (os que haveriam de integrar o “Grupo dos Seis”

e a “Terceira Via”), mas o seu lugar mais central dentro do PCP tornaria o seu caminho mais rápido, até porque Cunhal, quando percebeu que as divergências não eram ultrapassáveis, foi implacável. Aproveitando uma sua saída para uma tarefa de organização, esvaziou-lhe o gabinete (situado à frente do seu), impediu-lhe o acesso ao andar da direcção suprema e, sempre antes de formalizar qualquer sanção nos órgãos de direcção, construiu à sua volta um cordão sanitário. Para isso chegou a, numa reunião de quadros, defender de forma implícita as purgas estalinistas ao justificar o desaparecimento, em Moscovo, de um dirigente comunista que, dias antes, o desafiara para uma noite de... álcool e mulheres.

Mas ser maltratado, perder protagonismo, não chega,

ou não devia chegar: a dissidência implica uma ruptura mais profunda, muito para além do procurar outro caminho para o comunismo: implica entender que o mal está nas ideias, não apenas na sua aplicação, perceber que o estalinismo, ou a Revolução Cultural, ou o genocídio khmer não são “desvios”, antes destinos inevitáveis do messianismo original. Percorrer esse caminho intelectual, ler os livros que antes não se quis ler, a seguir procurar perceber onde estava, e está, o erro original só pode levar os que tendo dado tudo pelo comunismo, a seguir mergulham até ao fundo do que foi essa ilusão. Pior do que isso, essa tragédia. E, no final, tornam-se naturalmente anticomunistas como já eram antifascistas. Porque chegaram ao entendimento do que foi o fenómeno dos totalitarismos do século XX.

Poucos militantes do PCP fizeram todo este percurso. Para além de Zita Seabra, os mais conhecidos, todos eles autores de memórias políticas, foram Cândida Ventura, Chico da CUF e Silva Marques. “Foi assim” distingue-se contudo dos seus trabalhos, todos eles muito marcadas pela urgência de denunciar o comunismo, bem vivo na época em que os escreveram. E distingue-se ao ir muito mais ao detalhe, ao revelar mais sobre o que a autora fez e sentiu, ao contar mais sobre o que viu, viveu por dentro ou mandou outros fazer.

Sendo um “livro de memórias” que, como adverte a autora, não é “um ensaio político”, talvez lhe falte o que é menos conhecido da vida interna de partidos com estas características: o que estes impunham como limites ao comportamento e aos afectos dos seus militantes. Sobre esse lado do ser-se do PCP ainda haverá muitas histórias por contar e que Zita Seabra testemunhou, mas quando se deseja ir mais longe quase sempre se acaba

Sentada no Comité Central de 6 de Maio de 1988, em que é expulsa da Comissão Política do CC; «com um único voto contra, da própria Zita Seabra»; Com os seus filhos, à data da expulsão

em referências aos romances de Manuel Tiago/Álvaro Cunhal, em especial no “Até Amanhã, Camaradas”. Poderá Zita Seabra, e os outros dissidentes dos tempos da clandestinidade, ajudar-nos um dia a completar esse lado do quadro, essa penumbra onde se deviam preservar o que é íntimo, mas onde se sabe que o sectarismo e o totalitarismo também violavam?

